QUALIDADE DE VIDA: *Indicadores avançam com maior rapidez nas cidades periféricas e mais lentamente na capital*

Custódio Coimbra

A FAMÍLIA de Elizabeth dos Santos, moradora no Complexo da Maré, no Rio: dificuldade para achar vaga para três filhos. A mais velha deixou a escola

Custódio Coimbra

A FAMÍLIA de Luiz Braga, em Iguaba, o maior IDH da Região dos Lagos

Dinamismo maior está fora do centro urbano

A Região dos Lagos avançou 11,23% nos indicadores sociais, enquanto o município do Rio, apenas 5,51%

Cássia Almeida

• O baixo dinamismo do Estado do Rio, que provocou a queda no ranking do desenvolvimento humano, está concentrado no município do Rio. No levantamento do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), que subdividiu o estado por regiões, nota-se que o Rio teve sempre os menores avanços nos três componentes do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): renda, educação e longevidade.

— O problema está localizado no Rio e também na Região Metropolitana. Enquanto o IDH geral do município do Rio só cresceu 5,51%, o da Região dos Lagos avançou 11,23% nos anos 90 — afirma Érica Amorim, uma das autoras do estudo do Iets.

Na educação, enquanto o Rio avançou 5,19%, a mesma região aumentou em 16,50% seus indicadores de alfabetização e freqüência escolar.

A família de Elizabeth dos Santos Rodolfo retrata um pouco a dificuldade de se freqüentar uma escola no Rio. Com oito filhos e o nono na barriga, ela teve de recorrer ao Conselho Tutelar para conseguir uma vaga para dois filhos e contou com a ajuda de uma organização não-governamental (ONG) para inscrever a filha Kátini, de 8 anos, no ano passado.

Programa na Maré para manter as crianças na escola

Nem assim Elisabeth conseguiu impedir a evasão da filha de 16 anos, Carla, mãe da pequena Brenda, de 1 ano. Ela só freqüentou até o terceiro ano do ensino fundamental e não se alfabetizou.

— Ela não quis mais estudar e, com tantos filhos, ficou difícil fazê-la voltar. Depois veio a minha neta... Este ano, ela deve voltar a estudar à noite — afirma Elisabeth.

A família de Elisabeth, que mora na comunidade de Nova Holanda, na Maré, e só conta com o salário de gari do marido Luiz Carlos dos Santos — de cerca de R$ 300 — faz parte do projeto do Centro de Estudos e Ação Solidária da Maré (Ceasm). Em 2000, o centro fez um censo e localizou 1.200 crianças fora da escola no Complexo da Maré. Levou 603 de volta aos bancos escolares e agora busca as restantes. Foi nessa empreitada que Kátini conseguiu sua vaga.

O programa "Mapeando a violência oculta, criança fora da escola da Maré" tenta diagnosticar o que afasta as crianças do estudo. A diretora do Ceasm, Eliana Sousa, lembra que o desemprego afeta a estrutura familiar e deixa a escola dos filhos em segundo plano.

— O problema é mais complexo que a falta de acesso à escola. É um problema social. As vagas até conseguimos; o difícil é manter as crianças na escola — afirma Eliana, acrescentado que um dos objetivos do programa é monitorar o desenvolvimento das crianças, tentando atender à família nas dificuldades que surjam.

Em Iguaba Grande, outra realidade. A cidade, onde a expectativa de vida é de 70,93 anos, tem o IDH mais alto entre os municípios da Região dos Lagos, a que mais avançou de 1991 a 2000. A família do policial militar aposentado Luiz Carlos Braga mudou-se para lá há três anos, atraída pelas boas condições de vida. A renda familiar é de R$ 3.500, o que contribui para elevar ainda mais o IDH do município.

— A migração é de pessoas com renda maior — diz o prefeito de Iguaba Grande, Rodolfo Pedrosa.

O prefeito do Rio, Cesar Maia, rebate a pesquisa. Ele afirma que municípios com alto desenvolvimento avançam numa velocidade menor que cidades menos desenvolvidas:

— Nenhum município grande do Brasil avançou socialmente com as taxas do Rio. O estudo do IDH do Rio por bairro com as favelas e regiões pobres destacadas mostra isso — diz o prefeito.

Para o economista Marcelo Neri, o Rio até teve um comportamento razoável diante da crise que atingiu as grandes metrópoles nos anos 90, pois a pobreza recuou na cidade, enquanto cresceu em São Paulo:

— E o Rio é o estado mais metropolitano. A região absorve 76% da população. ■

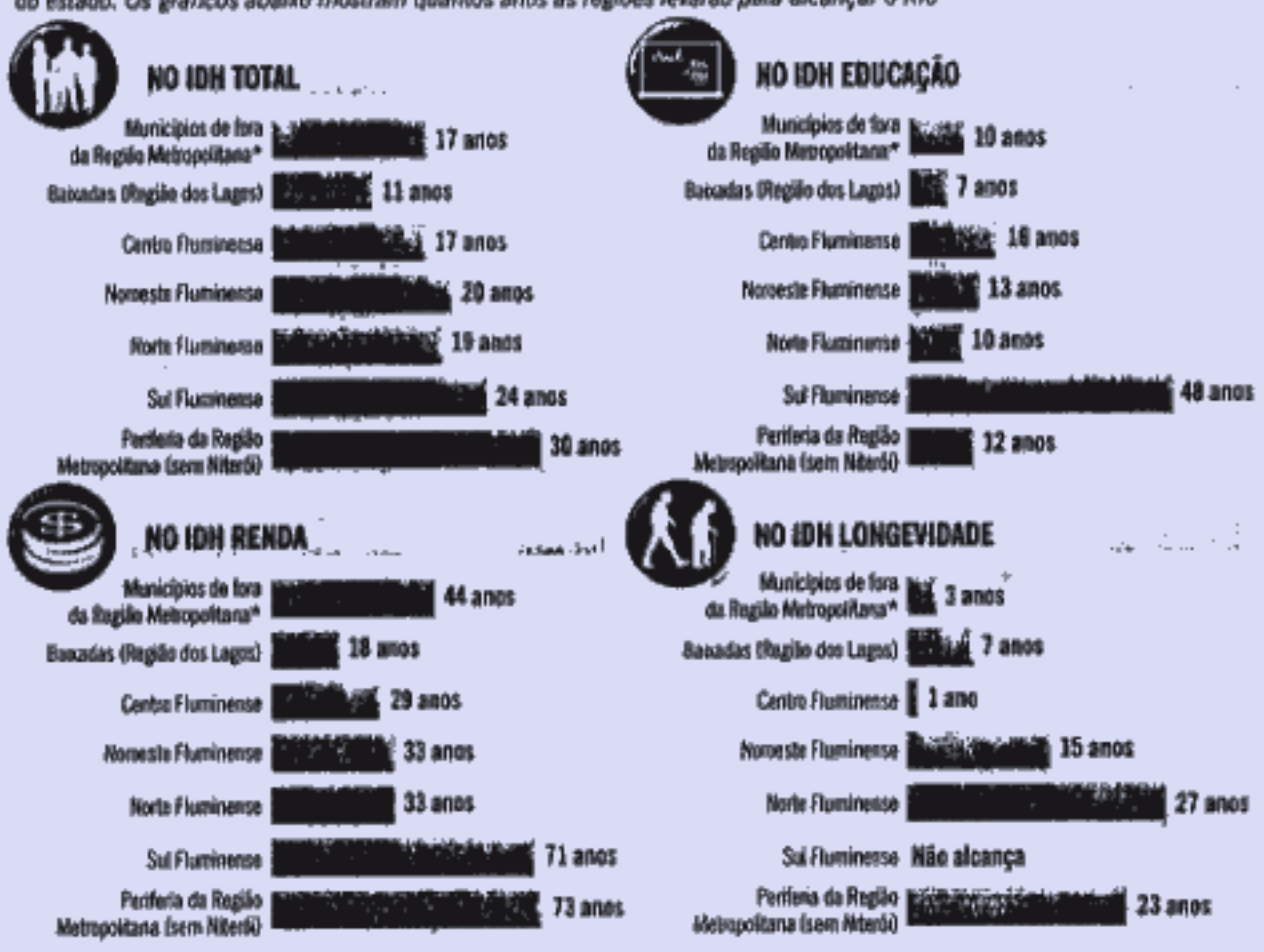
► **NO GLOBO ONLINE:** Confira mais dados do IBGE www.oglobo.com.br/economia

Editoria de Arte

Desigualdade permanece no estado

DISTÂNCIA EM ANOS DO RIO DE JANEIRO

Mesmo avançando mais rápido que a cidade do Rio, as outras regiões estão ainda muito distantes do centro nervoso do estado. Os gráficos abaixo mostram quantos anos as regiões levarão para alcançar o Rio



CIDADES MÉDIAS EXIBEM ÍNDICES ALTOS

Capital e municípios com mais de cem mil habitantes que estão fora da Região Metropolitana. A taxa se refere ao aumento frente a 1991

Rio de Janeiro	IDH 0,842	+5,51%
Volta Redonda	IDH 0,815	+6%
Nova Friburgo	IDH 0,810	+10,2%
Resende	IDH 0,808	+7,4%
Barra Mansa	IDH 0,806	+5,1%
Petrópolis	IDH 0,804	+7,1%
Cabo Frio	IDH 0,792	+10,6%
Macaé	IDH 0,790	+8,2%
Teresópolis	IDH 0,790	+12,9%
Angra dos Reis	IDH 0,772	+6,9%
Campos	IDH 0,752	+9,9%

* As cidades com mais de cem mil habitantes: Teresópolis, Cabo Frio, Campos, Nova Friburgo, Macaé, Barra Mansa, Angra dos Reis, Resende, Petrópolis e Volta Redonda

FONTE: Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade com base no Atlas do Desenvolvimento Humano/2000

Abismo de décadas entre as cidades

• O crescimento mais veloz em direção a um melhor desenvolvimento humano ainda não conseguiu vencer o enorme abismo entre o município do Rio e várias regiões do estado. A periferia da Região Metropolitana — sem Niterói, que ostenta os melhores indicadores do estado — levaria 30 anos para atingir o nível de desenvolvimento do município carioca.

No quesito renda, o tempo para se alcançar o Rio chega a 73 anos. Segundo Maurício Blanco, um dos autores do estudo sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a desigualdade ainda é muito grande no estado:

— Dos 91 municípios, apenas oito são considerados de alto desenvolvimento humano.

Mais próximas das condições de vida da capital fluminense, as cidades médias (com mais de cem mil habitantes) apresentam uma taxa de crescimento superior à do Rio. Cidades como Barra Mansa, Nova Friburgo e Petrópolis — que já são consideradas de alto desenvolvimento — conseguiram avançar a taxas entre 7% e 10% nos anos 90. Segundo o prefeito Cesar Maia, o tamanho das cidades explica essa diferença em relação ao Rio:

— Não se pode comparar uma cidade de cem mil habitantes com outra de seis milhões — disse Maia. *(Cássia Almeida)*

Entre metrópoles, um cenário diferente

• Duas semanas atrás, a Prefeitura do Rio também lançou seu relatório de desenvolvimento humano na capital. Os pesquisadores do Instituto Pereira Passos — em parceria com o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio (Iuperj), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a Fundação João Pinheiro e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) — compararam a cidade às outras 11 capitais brasileiras com mais de um milhão de habitantes.

Quando comparado apenas às metrópoles nacionais, o Rio ganhou uma posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre 1991 e 2000. Passou da quinta para a quarta posição, atrás de Porto Alegre, Curitiba e Brasília. O que garantiu o avanço da cidade, além da melhora nos indicadores de educação e saúde, foi a decadência de São Paulo. A capital paulista caiu três posições: passou da segunda para a quinta posição.

O estudo do IPP comparou ainda o IDH dos 126 bairros do Rio. A Gávea — com índice comparável ao das nações que ocupam o topo do ranking mundial, como a Noruega e o Canadá — ocupa a primeira posição. No extremo oposto, está o Complexo do Alemão, área que reúne 16 favelas arredores da Leopoldina. O relatório da prefeitura revela ainda que o Rio não tem nenhuma área de baixo desenvolvimento humano (IDH abaixo de 0,5). Todos os bairros tem índice superior a 0,7. E 94 têm resultado superior a 0,8, o que caracteriza alto desenvolvimento humano.